

**PERGUNTAS RETÓRICAS NA ENTREVISTA POLÍTICA:
UM ESTUDO DE CASO**

Saul Cabral Gomes Júnior¹

RESUMO

A finalidade deste estudo é mostrar de que maneira as perguntas retóricas são formuladas pelos falantes. Utilizam-se como *corpus* duas entrevistas concedidas pelos políticos Luís Henrique e Salvador Zimbaldi ao jornalista Heródoto Barbeiro. O método empregado é o indutivo, porque, neste trabalho, adota-se como ponto de partida a análise das perguntas retóricas presentes no *corpus*, com o propósito de descrever os contextos nos quais essas perguntas são formuladas. A fundamentação teórica provém de postulados concernentes à Sociolingüística Interacional e à Lingüística Textual. Metodologicamente, a pesquisa deixa-se conduzir pela Análise da Conversação de caráter etnográfico. Este artigo contém as seguintes observações: 1) quando os entrevistados elaboram uma pergunta retórica, pretendem adaptar-se ao momento interativo estabelecido pelo entrevistador; 2) quando o entrevistador formula esse tipo de pergunta, objetiva dirigir alguma acusação aos entrevistados, a fim de manter o controle da interação. Pode-se concluir que as perguntas retóricas se baseiam no enlace *pragmático* entre uma aparente pergunta e uma resposta, união por meio da qual se institui uma recomposição estrutural do *par adjacente*, termo utilizado por Schegloff & Sacks (1973).

Palavras-chave: Perguntas retóricas. Entrevista. Interação.

INTRODUÇÃO

Nos estudos de análise conversacional, as perguntas retóricas adquirem um aspecto singular, pois consistem em perguntas que não se configuram, semanticamente, como um *pedido de resposta*. Trata-se de perguntas cujo elaborador não objetiva alcançar uma resposta, mas exercer algum efeito ilocucionário³ sobre seu interlocutor.

A entrevista é uma atividade conversacional propícia a comportar perguntas retóricas, visto que é uma forma de diálogo na qual ambos os participantes, com o objetivo de preservar suas faces³, recorrem freqüentemente a dispositivos ilocucionários: o entrevistador, para resguardar sua face negativa; o entrevistado, para conservar sua face positiva. Essa recorrência tende a se ampliar em entrevistas políticas, já que, nestas, o entrevistador impõe um maior grau de clareza e de objetividade à elaboração discursiva do entrevistado.

Tal imposição atribui um caráter próprio à interação estabelecida em entrevistas políticas, razão por que se optou, neste trabalho, pela análise desse gênero de entrevista. Para se constituir o *corpus* desta pesquisa, selecionaram-se duas entrevistas realizadas pelo jornalista Heródoto Barbeiro, no *Jornal da CBN*.

Esses dois objetos de estudo se inserem no conjunto de entrevistas concedidas por vários políticos ao referido programa da Rádio CBN, no meado de 2005, momento em que se fez vigente no país uma grave crise política, instaurada a partir das denúncias feitas pelo ex-deputado federal Roberto Jefferson, que afirmou ter existido, até o início do ano mencionado, o *mensalão*, suposta mesada instituída pelo Governo Federal para que deputados do Partido Liberal (PL – atual PR, Partido da República) e do Partido Progressista (PP) votassem de acordo com os projetos governistas. Os dois entrevistados são os seguintes políticos: Luís Henrique, então governador de Santa Catarina, e Salvador Zimbaldi, que exercia o mandato de deputado federal na época.

I – PERGUNTAS RETÓRICAS: sob a interrogação, a afirmação

As perguntas, tradicionalmente, caracterizam-se por possuírem um vínculo semântico com as respostas, por meio do qual se impõe que toda pergunta seja respondida, conforme destacam Urbano et al. (1993). Esse liame indissolúvel, semanticamente estabelecido, instaura uma relação estreita, na qual a resposta é uma condição para que a pergunta consuma sua função comunicativa.

Desse ângulo tradicional, a pergunta configura-se, necessariamente, como um *pedido de resposta*. Entretanto, no caso específico das perguntas retóricas, a necessidade de resposta não se estabelece. Ao se formular tal gênero de pergunta, não se objetiva alcançar uma resposta, mas atuar significativamente sobre a elaboração discursiva do interlocutor.

Marcuschi (2000, p. 37) assinala o fato de que a construção interrogativa pode não ser um *pedido de resposta*, exemplificando com a seguinte pergunta: “ – vamos almoçar junto' ((equivalendo a um *convite*)) [grifo do autor]”. Nesse exemplo, mostra-se o procedimento no qual se fundamentam as perguntas retóricas: a formulação de uma pergunta sem objetivo de resposta. Tais perguntas são, essencialmente, *afirmativas*.

Elas podem possuir teor negativo ao serem elaboradas de modo positivo, como se demonstra nos exemplos arrolados abaixo:

É útil voltar a isso?

(sentido= não é útil voltar a isso)

Vale a pena falar nisso?

(não vale a pena falar nisso)

Você acredita que eu me divirto em esperá-los/las?

(não me divirto nada em esperar vocês)

Você imagina que isso está terminado?

(isso não está terminado)

(LÉON, 2005, p. 2)

Essas construções aparentemente positivas se baseiam, com bastante frequência, na utilização de modalizadores. Tais elementos consistem, predominantemente, em advérbios ou locuções adverbiais, como se pode perceber na seguinte exemplificação:

Vale bem a pena insistir?

É absolutamente necessário repetir isso?

Eu sou, em todo caso, responsável por isso que acontece?

Francamente isso te agrada?

Você por acaso acredita que esperá-la me agrada?

Vale a pena correr assim?

Há tanto trabalho como isso?

(LÉON, Op. cit., p. 3)

II – ANÁLISE DO *CORPUS*

Aos entrevistados Luís Henrique (integrante exponencial do PMDB, na ocasião) e Salvador Zimbaldi (na época, parlamentar filiado ao PTB – SP), destinaram-se, respectivamente, os Inquéritos I e II.

A investigação do *corpus* se concentrará nas circunstâncias em que se configuram as perguntas retóricas.

IV. 2) A configuração das perguntas retóricas

No *corpus* investigado, a *retoricidade* apresentou-se em 8 perguntas⁴, das quais 4 foram feitas pelos entrevistados (L2, nos diferentes Inquéritos) e 4, pelo entrevistador (L1). Submetamo-las à análise.

IV. 2. 1) Perguntas formuladas pelos entrevistados

(a) **L1** ah:: governador Luís Henrique governador mas não é um fato novo TAMBÉM o fato do:: governo estar estar agora oferecendo ao *PMDB* um governo de co-a-li-zão? quer dizer coalizão seria uma divisão eqüitativa do governo ou pelo menos proporcional do governo

L2 olha... é é é essa é:: realmente uma questão nova mas... a nossa posição é antiga acho que o:: o:: *PMDB* deve seguir seu caminho... né? o *PMDB* já decidiu por candidatura própria... e:: **como é que ficaria o partido é:: é:: acionando uma candidatura em março do ano que vem entrando no governo agora... entrando pra valer no governo? com que:: com que teses iria apresentar o seu candidato à presidência da república?**

(Inquérito I)

(b) **L1** houve uma informação publicada na Folha que na:: noite de terça-feira antevéspera do seu depoimento na *CPI* dos correios o deputado Roberto Jefferson presidente do partido revelou um esquema de desvio de dinheiro a partir de Furnas... segundo ele a::: isso seria feito pelo diretor de engenharia estatal Dimas Toledo e sobravam três milhões no CAIXa para serem distribuídos... um milhão para o *PT* um milhão para:: o *PT* de Minas Gerais... e outro milhão seria dividido... dividido em meio a meio quinhentos mil ficam com a diretoria de Furnas a empresa estatal e quinhentos mil repartidos... entre um pequeno grupo de deputados segundo o deputado Roberto Jefferson... TRÊS integrantes desse grupo são ex-tucanos o Luís Piauilino... o

deputado Osmânio Pereira e o deputado Salvador Zimbaldi de São Paulo que está aqui na ponta da linha pra conversar um pouco sobre esse assunto...

L1 bom dia deputado

L2 bom dia Heródoto

L1 deputado gostaria que o senhor então esclarecesse não é? essa:: afirmação feita aqui na Folha pelo deputado:: Roberto Jefferson

L2 bom Heródoto é:: primeiro lugar bom dia aí a todos ouvintes da *CBN* e:: dizer que:: na realidade eu acredito que quem deve estar realmente de cabelo em pé são os tesoureiros de Furnas porque afinal de contas é:: sobram três milhões de reais por mês em Furnas segundo ele... ele diz né? **como é que seria é:: essa sobra e de onde viria?** na verdade eu acho que:: é um delírio...

(Inquérito II)

(c) **L1** o senhor não trocou o senhor não mudou de partido em troca da nomeação dele como diretor financeiro de Furnas?

L2 em absoluto **como é que eu poderia mudar de partido?** eu fui é:: para o *PTB* por uma discordância na época... com o:: deputado Jutahy Magalhães nós tivemos alguns embates na época...

(Inquérito II)

(d) **L1** ele arrolou o nome do senhor por quê? por vingança? represália?

L2 pode ser pode ser pode ser uma uma uma:: dessas questões... agora:: essa história de trocar de partido para nomeação de uma diretoria... é um delírio porque **como é que eu nomearia é:: trocaria de partido em em agosto como foi o caso e e teria nomeado um diretor em janeiro SEM ANTES MESMO tomar posse como deputado federal?** quer dizer é:: é:: realmente um delírio

(Inquérito II)

As formulações (a) e (d) servem para que L2 insira em seu discurso indícios de uma argumentação, enquanto (b) e (c) funcionam como um recurso para que o informante adquira o tempo necessário para a elaboração mais consistente de seu discurso. Ao proferirem as quatro perguntas, os dois entrevistados não pretenderam obter uma resposta do entrevistador, mas aprimorar suas próprias composições textuais.

Essas perguntas são introduzidas pela construção “*como é que*”, que aponta para as afirmações que a elas subjazem. Tais assertivas podem ser apresentadas do seguinte modo:

(a) “como é que ficaria o partido, acionando uma candidatura em março do ano que vem, entrando no governo agora... entrando pra valer no Governo?”

Entrando pra valer no Governo, o partido ficaria em má situação, ao acionar uma candidatura, em março do ano que vem.

“com que teses iria apresentar o seu candidato à Presidência da República?”

Não haveria teses para [o PMDB] apresentar seu candidato à Presidência da República.

(b) “como é que seria essa sobra e de onde viria?”

Não se sabe de onde vem essa sobra.

(c) “como é que eu poderia mudar de partido?”

Eu não poderia ter mudado de partido.

(d) “como é que eu trocaria de partido em agosto, como foi o caso, e teria nomeado um diretor em janeiro, sem antes mesmo tomar posse como deputado federal?”

Eu não poderia nomear um diretor antes de ter tomado posse como deputado federal.

O emprego do verbo na forma condicional, procedimento intrínseco à elaboração das formulações em análise, denota uma certa polidez, incorporada aos discursos dos entrevistados. Pode-se entender a polidez como um conjunto de estratégias discursivas das quais se utiliza o locutor para evitar ou amenizar o conflito com o outro, consoante a definição estabelecida por Fávero & Andrade (1999).

Embora o inquiridor seja o locutor com quem o informante interage diretamente, não se pode olvidar o papel fundamental que a audiência (o público) desempenha na interação, visto que, conforme expõem Fávero & Andrade (Op. cit, p. 167), “a interação se desenvolve exatamente em função da terceira-parte e é em razão de não se perder esse aliado que se procede a reformulações ou reorientações temáticas”.

Assim, a polidez integrada às perguntas em questão visa não apenas atenuar o conflito com o entrevistador, mas também – e principalmente – estabelecer uma boa impressão do entrevistado sobre a audiência, perante a qual o político, prioritariamente, deseja manter inabalável sua face positiva.

Percebe-se que as formulações em análise estão inseridas em respostas que sucedem a perguntas incisivas, elaboradas pelo entrevistador (L1). Em (a), ele tenta extrair de L2 um dado significativo: a oferta de um governo de coalizão seria determinante para o PMDB optar por integrar ou não o Governo Federal? No Inquérito II, L1 profere perguntas ainda mais desconcertantes: em (b), requer de pronto um esclarecimento de L2, em relação às acusações do ex-deputado Roberto Jefferson; em (c), indaga sobre a troca de partido efetuada por L2, associando-a a um esquema de favorecimento político; em (d), L2 retoma, em seu bloco interrogativo retórico, a indagação feita por L1 em (c).

Diante desses questionamentos, os informantes necessitam preservar suas faces positivas e, por isso, formulam perguntas retóricas, as quais oferecem aos entrevistados três possibilidades: mostrarem-se corteses mesmo em situações embaraçosas (no que se refere às quatro perguntas); elaborarem indícios de uma argumentação (no caso de [a] e [d]); adquirirem o tempo necessário para aperfeiçoar seus planejamentos verbais (no tocante a [b] e [c]).

As perguntas em análise constituem, portanto, um meio para que os informantes se ajustem ao momento interativo estabelecido pelo inquiridor. A esse ajuste, Goffman denomina *footing*, conforme elucidada Koch (1997, p. 108): “[Uma] noção importante introduzida por Goffman é a de *footing*: numa interação face a face, os participantes precisam, a cada mudança na situação, 'ajustar-se', 'alinhar-se', como os boxeadores no ringue. [grifo da autora]”.

Ao formularem as perguntas em questão, os entrevistados adaptaram-se à situação desconcertante imposta pelo entrevistador, empreendendo uma *reação* à ameaça dirigida às suas faces positivas.

IV. 2. 2) Perguntas formuladas pelo entrevistador

(a) **L1** governador **mesmo com essa crise política mais inTENSa nos últimos tempos** o senhor acha que o partido deve -- bom na opinião do senhor pelo menos -- deve continuar então nessa... disposição de de de apoIAR o governo a governabilidade mas não fazer parte do governo **AINda que o presidente ofereça QUATRO ministérios pro PMDB?**

L2 não eu acho que isso isso é um é um fato novo... mas essa questão tem que ser decidida pela convenção nacional... o partido deve ser chamado pruma convenção nacional... pra ratificar ou não a decisão já tomada de não integração do governo

(b) **L1** ah:: governador Luís Henrique governador **mas não é um fato novo TAMBÉM o fato do:: governo estar estar agora oferecendo ao PMDB um governo de co-a-lizãõ?** quer dizer coalizão seria uma divisão eqüitativa do governo ou pelo menos proporcional do governo

L2 olha... é é é essa é:: realmente uma questão nova mas... a nossa posição é antiga acho que o:: o:: *PMDB* deve seguir seu caminho... né? o *PMDB* já decidiu por candidatura própria...

(Inquérito I)

(c) **L1** ele arrolou o nome do senhor por quê? por vingança? represália?

L2 pode ser pode ser pode ser uma uma uma:: dessas questões... agora:: essa história de trocar de partido para nomeação de uma diretoria... é um delírio porque como é que eu nomearia é:: trocaria de partido em em agosto como foi o caso e e teria nomeado um diretor em janeiro SEM ANTES MESMO tomar posse como deputado federal? quer dizer é:: é:: realmente um delírio

L1 sei um delírio... **um delírio também de que:: esses quinhentos mil reais seriam distribuídos pra vários deputados entre eles o senhor?**

L2 bom veja é:: é:: mais quase vinte deputados deixaram o *PSDB* na época cada um com suas razões... e é um delírio MESMO porque eu nunca vi a cor desse dinheiro nunca vi absolutamente um centavo... de Furnas e:: de lugar nenhum na verdade o que existe o que existe é apenas a::: projetos sociais que são encaminhados... da nossa parte no caso por por é:: é:: é:: pedindo apoio pra entidades assistenciais

L1 sei... AGORA quando o deputado Roberto Jefferson for fazer um depoimento o senhor VAI o senhor vai cobrar dele publicamente isso não?

L2 eu não tenho NENHUM problema Heródoto em...

(d) **L1** **mas o senhor vai cobrar dele publicamente isso?**

L2 vou com certeza irei... com certeza irei porque não tem... ele não tem absolutamente nenhuma razão... pra citar o meu nome

(Inquérito II)

Na formulação (a), verifica-se uma interrogação nuclear, “*O senhor acha que o PMDB deve apoiar o Governo Federal sem dele fazer parte?*”, situada entre duas proferições retóricas. Destas, não se depreende uma função indagativa, mas *persuasiva*.

O inquiridor reúne dois elementos que lhe possibilitem uma resposta objetiva à interrogação nuclear. Ele expõe um elemento adversativo (“*mesmo com essa crise política mais inTENSa nos últimos tempos*”) para, seguidamente à interrogação central, citar um elemento positivo (*AINda que o presidente ofereça QUATRO ministérios pro PMDB?*). Em

outras palavras, apresenta uma situação desfavorável a um *sim* à interrogação nuclear e, posteriormente, uma situação favorável. A ênfase dada à segunda situação exposta sugere que o entrevistador encaminha sua expectativa de resposta a um *sim*.

A exposição das duas situações ocorre por meio de construções introduzidas por advérbios: “*mesmo com essa crise política...*” e “*ainda que o presidente ofereça...*”. Desta maneira, corrobora-se que o reforço pelos advérbios é uma fonte profusa de *retoricidade*, como já se apontou na exemplificação de Léon (Op. cit.).

Na formulação (b), o entrevistador utiliza-se de uma reiteração para iniciar sua pergunta retórica. L1 retoma a construção “*é um fato novo*”, com a qual L2 introduzira o turno anterior ao da pergunta em análise. Assim, o inquiridor retroage, para, posteriormente, elaborar uma informação nova, em uma combinação dos movimentos de retroação e de progressão. Descreve Koch (2004, p. 41): “(...) todo texto organiza-se pela combinação de dois movimentos, um de retroação, por meio do qual se retoma a informação anteriormente introduzida, que vai servir de ancoragem para o movimento de progressão, responsável pela introdução de informação nova”.

A pergunta (b) é introduzida pelo marcador *mas*, assíduo recurso quando a pergunta retórica se destina a *avaliar* o interlocutor, como ressalta Léon (Op. cit.). Ao se valer da conjunção *mas* para introduzir sua elocução retórica, L1 começa a dirigir a L2 um procedimento de avaliação, que se consolida com a retomada de um termo empregado pela pessoa entrevistada, o qual L1 julgou interessante reintegrar ao processo interacional, para avaliar a pertinência da construção “*é um fato novo*” (que encerra, semanticamente, a noção de “fato relevante, que pode contribuir para se consumir uma decisão”) na elaboração discursiva de seu interlocutor.

Na formulação (b), paralelamente ao procedimento de avaliação, verifica-se a constituição de uma *assertiva* subjacente à negação. O emprego do advérbio *não* atende a um propósito puramente retórico, já que a ênfase atribuída à palavra *coalizão* e a consecutiva definição do termo demonstram a proposição estabelecida pelo entrevistador: o fato de o Governo oferecer ao PMDB um governo de coalizão *é* um fato novo – relevante, portanto – para a decisão do partido.

Na pergunta (c), constata-se, novamente, a reiteração de um termo utilizado pelo informante. Desta vez, com o objetivo patente de ameaçar a face positiva do entrevistado.

Fávero (2001) assinala que o inquiridor pode servir-se da pergunta para, muito além de simplesmente obter informações, expor a face de seu interlocutor.

Medina (2004) adota a expressão “perfil da ironia ‘intelectualizada’” para denominar o tratamento por meio do qual o entrevistador extrai do entrevistado uma forma de condenação, transformando-o em “monstro” perante a audiência. No caso da pergunta (c), pode-se identificar um “perfil de ironia ‘declarada’”, adotado pelo inquiridor, que reitera uma palavra empregada pelo informante e a insere, ironicamente, numa elocução formulada para referir a acusação que pesa sobre o entrevistado.

O caráter acusativo da formulação (c) se relaciona com o objetivo essencial do entrevistador: manter o controle da interação. Ressalta Andrade (2001, p. 99): “Para o entrevistador, a fluidez interlocutiva é essencial, como também o é o não perder o comando de sua entrevista, se deseja concluí-la com êxito”.

Esse objetivo ganha relevo na entrevista política, principalmente quando o entrevistado é um político acusado de corrupção, que se valerá de todos os artifícios para conduzir a interação a seu favor e, conseqüentemente, salvaguardar sua face positiva.

Na formulação (d), L1 reitera uma sentença completa, que ele mesmo proferira em seu turno anterior. Ao elaborar tal repetição, L1 pretende reintegrar ao processo interacional um questionamento a que L2 não respondeu satisfatoriamente.

A pergunta (d) introduz-se no diálogo como uma *interferência do ouvinte para indagar*, procedimento conversacional a que se volta Silva (2001, p. 141): “O tipo de interferência *para indagar* engloba as intervenções do ouvinte para pedir algum esclarecimento. A indagação do ouvinte pode ser motivada pela falta de entendimento da mensagem do falante. [grifo do autor]”.

No entanto, pela natureza (motiva-se não pela falta de entendimento da mensagem ouvida, mas pela *falta de informações* intrínseca à mensagem do falante) e pelo efeito (após ouvi-la, o falante elabora uma resposta consistente) dessa pergunta, pode-se afirmar que o ouvinte, ao proferi-la, assumiu papel de falante.

CONCLUSÕES

A análise das duas entrevistas permitiu notar-se o caráter próprio com que o processo interacional se instaura na entrevista política, gênero dialogal em que os partícipes efetivam

um conflito permanente, no qual sobressai o intuito da *preservação das faces*, empreendimento a que o entrevistador está potencialmente mais apto, por desempenhar a função de condutor da interação.

Na tentativa de preservarem suas faces, os partícipes da entrevista política recorrem às perguntas retóricas, que se fundamentam no enlace *pragmático* entre uma aparente pergunta e uma resposta, união a partir da qual se institui a recomposição estrutural do *par adjacente*, “o qual se constitui uma unidade dialógica mínima.” (SCHEGLOFF & SACKS, 1973 apud URBANO et al., op. cit., p. 75).

O caráter retórico de uma pergunta a desprende semanticamente do ato responsivo, transpondo-a para um plano pragmático em que a interação do falante que pergunta e do que responde se arraiga, com maior profundidade, à situação concreta do processo comunicativo, à qual são inerentes formas de ação lingüística extrínsecas ao *verbalizado*.

As perguntas retóricas ratificam, portanto, a essencialidade da situação concreta para a compreensão da comunicação verbal, cuja análise profunda deve abarcar o estudo das relações entre a interação concreta e a situação extralingüística, conforme elucidada Bakhtin (1988).

RETHORIC QUESTIONS IN THE POLITICAL INTERVIEW: A STUDY OF CASE

ABSTRACT

The aim of this study is show how rethoric questions are asked by speakers. This research has as investigation *corpus* two interviews granted by politicians Luís Henrique and Salvador Zimbaldi to journalist Heródoto Barbeiro. The used method is the inductive, because, in this work, the starting-point is to analyse rethoric questions in selected *corpus*, in order to describe the contexts in which theses questions are asked. Based on the Interactive Sociolinguistics and Textual Linguistics presuppositions, this research is developed by the Speech Analysis (guided by ethnomethodology) technics. This article contains the following observations: 1) when interviewees ask a rethoric question, they intend to adapt themselves to interactive moment established by interviewer; 2) when interviewer

ask this kind of question, he purposes to make some accusation for interviewees, with a view to control the interaction. We have concluded rethoric questions are based on *pragmatic* connection between a seeming question and an answer. Through this link, it happens a structural recomposition of *adjacent pair*, term used by Schegloff and Sacks (1973).

Keywords: Rethoric questions. Interview. Interaction.

NOTAS

- ¹ Mestre em Língua Portuguesa (USP) Professor da Faculdade Fernão Dias (FAFE / Osasco – SP).
- ² Austin (1990) distingue *ato locucionário* (combinar elementos numa construção regida por uma gramática e dotada de significação) e *ato ilocucionário* (empreender a força ilocucionária, por intermédio da qual se pode informar, advertir, ameaçar, enfim, *agir* sobre o interlocutor, influenciando a sua formulação textual).
- ³ Brown & Levinson (1994), aprofundando os estudos de Goffman (para quem *face* é a auto-imagem pública a ser mantida pelo falante no decorrer da interação verbal), distinguem *face negativa* (desejo, inerente ao ser social, de não ter suas ações reprimidas) e *face positiva* (desejo de aprovação social).
- ⁴ Em determinados casos, trata-se de *blocos interrogativos*, visto que, em algumas das ocorrências verificadas, uma pergunta agrega-se a outras, sem deixarem, contudo, de constituir uma mesma unidade retórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. Estratégias pragmático-discursivas e controle situacional em entrevistas. In: URBANO, Hudinilson et al. (Org.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001. 376 p. p. 97-106.
- AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer*. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 136 p.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). A interação verbal. In: *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 196 p. p. 96-113.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 345 p.
- FÁVERO, Leonor Lopes. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, Dino (Org.) *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001. 257 p. p. 79-97.
- _____; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (Org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. 234 p. p. 153-177.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1997. 115 p.

_____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 190 p.

LÉON, Jacqueline. *Perguntas retóricas*. Trad. de Marli Quadros Leite. (Digitado). 2005. 26 p.
13

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000. 94 p.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista – o diálogo possível*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004. 96 p.

SILVA, Luiz Antônio da. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: URBANO, Hudinilson et al. (Org.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001. 376 p. p. 128-144.

URBANO, Hudinilson et al. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado – Volume III (As abordagens)*. São Paulo / Campinas: FAPESP / Editora da UNICAMP, 1993. 440 p. p. 75-97.